



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

RAÍZES E MEMÓRIAS: OS SABERES DO CAMPO E A HISTÓRIA LOCAL COMO POSSIBILIDADES EDUCATIVAS

Raquel Pirangi Barros¹
João Batista Gonçalves Bueno²

Resumo: Este artigo aborda os saberes do campo e a história local como possibilidades educativas, partindo das raízes e memórias dos camponeses de comunidades rurais de Alagoa Nova–PB. Apresentamos como objetivo geral: Refletir sobre o protagonismo histórico e social dos agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB, destacando os aspectos formativos das experiências e vivências comunitárias. Como base teórica, nos pautamos nos trabalhos de Paulino e Gomes (2015), Melo (2015), Barros (2013), bem como documentos oficiais, norteadores da educação brasileira, entre outros aportes teóricos. É um estudo qualitativo, partindo de estudos bibliográficos, fontes orais, bem como a nossa experiência profissional na área da educação. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento. Logo, os resultados e discussões são parciais. Ressaltamos a importância de trabalhar a história local, partindo dos saberes e das memórias dos camponeses, relacionando os saberes empíricos e os científicos.

Palavras-chave: Saberes do Campo; História Local; Raízes; Memória; Comunidades Rurais.

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará os saberes do campo e a história local como possibilidades educativas, partindo das raízes e memórias dos camponeses que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB. Ademais, buscamos refletir como as memórias e os saberes tradicionais desses agricultores podem ser inseridos como possibilidades educativas em turmas dos anos iniciais, favorecendo uma aprendizagem significativa.

Todavia, percebemos que, muitas vezes, os conhecimentos empíricos são desvalorizados e acabam não sendo contemplados no currículo escolar, que valoriza somente os conhecimentos científicos abordados nos currículos oficiais. Nesse contexto, reconhecemos a importância de trabalhar, ainda nos anos iniciais, uma temática que valorize a história local e os saberes do campo, através das memórias dos agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB, contribuindo para que os estudantes se percebam como sujeitos históricos e produtores de conhecimento. Logo, destacamos que esses

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores - PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba, Especialista em Educação Infantil pelo Centro Universitário UNIFIP, Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, Professora efetiva dos anos iniciais - Prefeitura Municipal de Alagoa Nova-PB. E-mail: rpbjmc@gmail.com

² Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Bacharel e Licenciado em História pelo IFCH - pela Universidade Estadual de Campinas, professor da Universidade Estadual da Paraíba, lotado no Departamento de História, Campus III - Guarabira-PB. Membro permanente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: joaobgbueno@servidor.uepb.edu.br



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

agricultores transmitem, por meio da oralidade, os seus conhecimentos às novas gerações, desempenhando um papel crucial como transmissores dos saberes históricos da cultura local e assegurando a continuidade da história dessa comunidade.

Para tanto, apresentamos como objetivo geral: refletir sobre o protagonismo histórico e social dos agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB, destacando os aspectos formativos das experiências e vivências comunitárias, a partir das raízes e memórias desses agricultores.

Ademais, apresentamos como objetivos específicos desse artigo: 1- Compreender o que são sementes da paixão; 2- Problematicar o lugar da memória e da história local a partir dos saberes dos camponeses, ressaltando o potencial educativo destes, em turmas dos anos iniciais; 3- Evidenciar o papel educativo da memória no ensino de história na perspectiva da história local.

O presente estudo justifica-se por se tratar de uma abordagem relevante para o contexto educacional, já que busca enaltecer a história oral e os saberes locais. Assim, destacamos a importância da preservação da história e da cultura local ao longo das gerações, bem como a necessidade de respeitar os conhecimentos locais de cada comunidade. Consideramos que um trabalho voltado para a história local pode agregar valor na formação social dos estudantes, em suas dimensões socioculturais e históricas, favorecendo a construção da identidade cultural dos mesmos. Seguindo esse viés, podemos promover, em nossa sala de aula, práticas educativas nas quais professores e alunos deixam de ser autômatos e passam a ser sujeitos da produção do conhecimento histórico, conforme destacado por Galzenari (2021).

Ressaltamos que, quando desconsideramos os saberes locais, corroboramos com a ideia da hierarquização dos saberes discutida por Galzenari (2021, p.155), quando a mesma destaca que “vivemos contemporaneamente a hierarquização dos saberes, na qual só o saber da academia, o científico, é considerado legítimo; desqualificamos outros conhecimentos”. O interessante é que busquemos romper com essa hierarquização dos saberes e possamos estabelecer uma relação entre os diversos saberes produzidos socialmente, contribuindo para uma educação decolonial, na qual os conhecimentos locais da comunidade e das classes menos favorecidas também sejam valorizados, dando vozes aos sujeitos invisibilizados pela sociedade.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Portanto, esse artigo é importante para a construção de conhecimento científico, considerando a necessidade de inserir a história local nos currículos escolares, promovendo o entrelaçamento entre educação formal e informal, favorecendo uma aprendizagem que valorize a cultura da comunidade. Pois, conforme Melo (2015, p.46), “A história local tem, em si, a força popular, pois as pessoas estão continuamente colocando para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e mantêm relações sociais e de trabalho e sobre como viveram seus antepassados”.

METODOLOGIA

O presente estudo segue uma abordagem qualitativa, que, nas palavras de Moreira (2002), os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto, já nas palavras de Minayo (2001, p. 21): “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

Inicialmente, realizamos a pesquisa bibliográfica para o levantamento das bases teóricas que compreendem o tema desenvolvido nesse artigo. Conforme Gil (2002, p.44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ainda em consonância com Gil (2002), destacamos que a pesquisa bibliográfica traz contribuições de diversos autores sobre determinado assunto. Também utilizamos alguns documentos oficiais, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nesta perspectiva, destacamos que o presente estudo tem interface com a história oral. Trazemos a história oral para problematizar como as memórias e os saberes tradicionais dos agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB, podem ser inseridas como possibilidades educativas em turmas dos anos iniciais, favorecendo uma aprendizagem significativa.

Ademais, ressaltamos que, por se tratar de uma amostragem de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, algumas etapas serão desenvolvidas posteriormente. Assim, será realizada uma pesquisa-ação que, de acordo com Thiolle (1986), trata-se de uma modalidade de investigação que articula pesquisa e ação e tem por finalidade transformar a realidade a partir



da resolução de problemas. Será uma pesquisa-ação do tipo participante. Também recorreremos a fontes orais (baseadas em conversas realizadas com agricultores de comunidades rurais de Alagoa Nova–PB). O estudo será desenvolvido em uma turma de 2º ano de uma escola municipal rural de Alagoa Nova–PB.

SEMENTES DA PAIXÃO: O QUE É ISSO?

Inicialmente, é importante fazermos uma retomada histórica sobre a origem das sementes. Conforme Castro; Prado (2021, p. 4) “A origem das sementes compreende a história da própria humanidade, da alimentação e desenvolvimento da agricultura ao longo dos séculos”. No início, havia uma rica diversidade de espécies cultivadas no Brasil e no mundo. Nesse sentido, destacamos que “no Brasil, antes mesmo de 1500, uma rica diversidade de sementes e mudas eram cultivadas e protegidas por povos originários. Os povos indígenas são os responsáveis pela domesticação de várias espécies que são consumidas até hoje pela população brasileira” (Castro; Prado, 2021, p. 4).

No entanto, com a expansão dos territórios agrícolas e a modernização da agricultura, principalmente em decorrência da Revolução Verde³, houve uma perda significativa da biodiversidade mundial.

Sabemos que os povos da pré-história se alimentavam com mais de 1.500 espécies de plantas. Há 150 anos a humanidade se alimentava com produtos de 3 mil espécies vegetais, sendo 90% delas produzidas e consumidas em seus países de origem. Mas isso mudou radicalmente nos últimos anos. Entre 1970 e 2008 houve redução em 30% da biodiversidade no mundo. E, desde essa data, passamos a consumir 50% mais recursos naturais que nossa capacidade de produção. É o período da implementação da “revolução verde” — uso intensivo dos agroquímicos na agricultura (Esteve, 2017, p.16).

Assim, percebemos que, no mundo inteiro, diversas variedades de alimento desapareceram com o avanço da Revolução Verde. Além da perda da biodiversidade, a revolução verde acarretou outras consequências, tais como: desigualdade social, agricultores reféns do mercado de sementes, problemas ambientais e impactos na saúde humana, em

³ A Revolução Verde refere-se a um conjunto de iniciativas tecnológicas que transformaram as práticas agrícolas e aumentaram drasticamente o volume de alimentos produzidos no mundo.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

decorrência do uso exacerbado de agrotóxicos e excesso de alimentos transgênicos, além da perda das variedades locais tradicionais, entre outros.

Em contrapartida, apontamos como alternativa a prática, desenvolvida por comunidades tradicionais e agricultores, que cultivam e preservam as sementes da paixão. Mas, afinal, o que são sementes da paixão? “São sementes que passaram por melhoramento natural realizado pelos próprios agricultores e agricultoras e povos tradicionais que as cultivam, ao longo dos anos, uma prática cultural e ancestral que é ensinada de geração em geração” (Castro; Prado, 2021, p. 5). Nessa perspectiva, destacamos que as sementes da paixão são assim chamadas devido ao apego e carinho que os agricultores têm por elas.

A frase “Semente da Paixão” é atribuída ao agricultor Cassimiro Caetano Soares — Seu Dodô, enunciada em um encontro estadual sobre sementes realizado em 1998. Tal agricultor do Sertão paraibano disse: “O que eu quero plantar é o milho jabatão, o feijão corujinha e a fava cara larga, e não a semente que vem de fora. Essas são as minhas sementes da paixão. Cada um tem suas sementes da paixão e é nessa diversidade que nós temos que nos apoiar” (Silva; Almeida, 2007 *apud* Paulino; Gomes, 2015, p. 518).

Ressaltamos que as sementes da paixão são assim chamadas no estado da Paraíba. Porém, em outros estados e regiões brasileiras, elas podem receber outras nomeações, tais como: sementes crioulas, sementes de litro (por serem armazenadas em garrafas), sementes tradicionais, sementes da solidariedade. As sementes da paixão destacam-se por apresentarem características peculiares, em consonância com Castro; Prado (2021), elas apresentam uma boa adaptação ao solo e às condições climáticas locais; melhores respostas ao ataque de pragas e doenças; mantêm as taxas de produtividade nos plantios seguintes; são conhecidas pelos agricultores; são puras, sem agrotóxicos e sem modificação genética.

Portanto, ao falarmos de sementes crioulas, falamos de um material que foi multiplicado, adaptado e guardado pelas famílias do campo, sejam agricultoras/es, povos das águas e das florestas, que, ao longo dos anos, se modificaram na interação entre as diversas condições ambientais nos locais onde foi cultivada. E, também, as diferentes relações humanas estabelecidas, resultando em um material único, adaptado a diversas situações climáticas, rico nutricionalmente e culturalmente (Cartilha Sementes da Agroecologia: Sementes da Vida, 2020, p. 3).

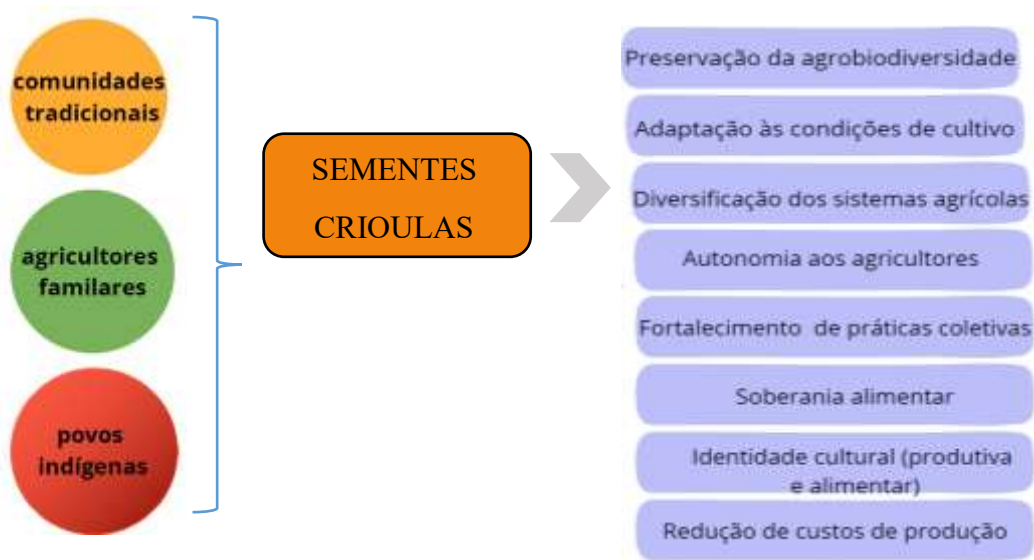


V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Assim, para sintetizarmos as comunidades que mantêm as sementes da paixão, bem como, para destacarmos a importância dessas sementes para essas comunidades, tomamos como base a figura abaixo, elaborada pelos autores Lima; Forti (2020).

Imagem 1 – Importância das Sementes Crioulas às Comunidades que as mantêm



Fonte: Sementes crioulas: qualidade e armazenamento, 2020.

Logo, ressaltamos que os agricultores que cultivam as sementes da paixão mantêm viva sua ancestralidade, preservando a sua cultura e tradição. Nessa perspectiva, as sementes da paixão estão interligadas as memórias afetivas dos agricultores que as preservam, já que estas estão na família há bastante tempo. Eles aprenderam com os seus antepassados, a cultivar e preservar essas sementes ao longo das gerações, através da oralidade, e agora, perpassam esses conhecimentos aos seus descendentes. Ademais, julgamos necessário trazer para o ensino de história, ainda nos anos iniciais, a memória e a história local, para preservar a história e os conhecimentos tradicionais de cada comunidade.

MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Inicialmente, é importante trazermos o conceito de memória para a nossa discussão. Para tanto, nos embasamos em Walter Benjamin. Para esse autor, a memória é “concebida como entrecruzamento de saberes e sensibilidades relativos ao tempo, entrecruzando presente e



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

passado, diferentes visões de mundo, não só do sujeito que rememora, mas de outros, com os quais conviveu e convive, e de diferentes lugares” (Benjamin, 2005, *apud* Galzenari, 2021, p. 9).

Assim, para Benjamin, a memória é entendida como um processo dinâmico que envolve diferentes sujeitos, em diferentes tempos. Conforme Barros (2013, p. 312), “A ‘Memória’, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional”.

Nessa perspectiva, destacamos que é através das memórias que a nossa história e a da nossa comunidade estão presentes e são transmitidas ao longo das gerações, por meio da oralidade. Seguindo essa lógica, pensamos em consonância com Santos (2024) ao destacar que, historicamente, foi por meio da oralidade que os seres humanos se desenvolveram.

[...] os povos que foram forçosamente trazidos da África e os seus descendentes, assim como os povos indígenas, essas culturas de vinculação ancestral, geralmente, prezam/prezavam pelo diálogo, tendo vista que a escrita não era a forma que esses modos de vida, faziam, estritamente, uso para preservação e “contação” das suas histórias. Portanto, historicamente, todos os seres humanos, porém, principalmente, esses grupos étnicos, desenvolveram-se por meio do diálogo prezando pela oralidade, mas que atualmente muitas dessas pessoas também dominam a escrita e conservam as suas histórias/rememorações de outros modos (Santos, 2024, p. 88).

Assim, é pela memória e pela oralidade que mantemos viva a nossa tradição e ancestralidade. Logo, a valorização da memória, bem como da oralidade, possibilitam a continuidade da nossa história. Falando sobre memória, destacamos as palavras de Barros (2013, p. 302), quando diz que “A construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores”.

Quando inserimos no ensino de história, um trabalho voltado para a memória e a história local, estamos utilizando, como proposta, a educação patrimonial. Nesse contexto, destacamos que “faz-se necessário criar possibilidades, de conhecer e educar para o patrimônio” (Pontes; Lapsky, 2024, p. 105). Assim, destacamos que a educação patrimonial é “um processo educativo que visa promover o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

cultural de uma sociedade, envolvendo a comunidade na construção de uma consciência crítica e responsável em relação ao seu legado histórico e cultural” (Pontes; Lapsky, 2024, p. 105).

Nessa perspectiva, percebemos o quanto é importante um trabalho voltado para a educação patrimonial, considerando que este “contribui para que todos sintam-se pertencentes e preservem os bens, pois é preciso atribuir significados, mediante as experiências vividas” (Pontes; Lapsky, 2024, p. 105). Ademais, julgamos importante destacar que “Ensinar história requer do professor a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra” (Barros, 2013, p. 305). Portanto, cabe ao professor trazer para o estudante uma aprendizagem que tenha sentido para ele, algo próximo da sua realidade, do seu contexto, partindo do local para o nacional e o global, do micro para o macro, buscando facilitar o processo de aprendizagem do educando.

Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno faz-se necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, as memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz às histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados (Barros, 2013, p. 305).

Percebemos que, mais uma vez, a memória é vista como fundamental no ensino de história. Nessa perspectiva, consideramos que, conforme discutido por Barros (2013, p. 318), “devemos valorizar a memória dos sujeitos históricos que constroem suas histórias diariamente, pois o ensino de História Local nos permite dar vozes àqueles autores que estiveram marginalizados pela História Oficial”.

Para iniciarmos a nossa conversa sobre a história local, julgamos necessário definir o que é a história local. Para tanto, tomamos como referência as palavras de Barros (2013):

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional. [...] É a partir do local que o aluno começa a construir sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil (Barros, 2013, p. 314).

Ademais, pactuamos com Barros (2013, p. 316), ao destacar que “a História Local permite ao educando perceber-se como sendo parte integrante da história, não simples espectador do ensino desta”. Assim, “o ensino de História tende a desempenhar um papel mais



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

relevante na formação da cidadania, envolvendo a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo” (Barros, 2013, p. 311).

Além disso, conforme Melo (2015, p. 75), “a história local é, assim, um campo rico de investigações, seja pela dimensão interpretativa, seja pela dimensão metodológica, justificando-se, portanto, os mais variados modos de acesso e de compreensão”. Logo, destacamos que promover uma experiência educativa permeada pela história local, vai além dos conhecimentos técnicos propostos pelos currículos escolares atuais, uma vez que estamos considerando a realidade na qual os estudantes estão inseridos.

OS SABERES DO CAMPO COMO POSSIBILIDADES EDUCATIVAS

Diante desta perspectiva, ressaltamos a importância de inserir, no ambiente escolar, os saberes locais, especificamente os saberes do campo, visando contribuir com a continuidade e valorização destes. Percebemos que em nossa sociedade, muitas vezes, os saberes locais são desconsiderados em detrimento dos saberes científicos. Nessa perspectiva, destacamos a riqueza de saberes locais que possuem os agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB.

Nesse contexto, propomos romper com a ideia da hierarquização dos saberes discutida por Galzenari (2021), na qual os saberes científicos são valorizados, enquanto os não-científicos são desvalorizados. Também pactuamos com as palavras de Santos (2010), ao discorrer sobre a “ecologia dos saberes”, na qual o autor reconhece a pluralidade de saberes heterogêneos e destaca a importância de dar vozes a diversos conhecimentos, possibilitando a participação dos diversos grupos sociais.

A ecologia dos saberes procura dar consistência epistemológica ao saber propositivo. Trata-se de uma ecologia porque assenta no reconhecimento da pluralidade de saberes heterogêneos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles. A ecologia dos saberes assenta na independência complexa entre os diferentes saberes que constituem o sistema aberto do conhecimento em processo constante da criação e renovação. O conhecimento é interconhecimento, é reconhecimento, é auto-conhecimento (Santos, 2010, p. 157).



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Nesse contexto, seguindo o panorama de rompimento da hierarquização dos saberes, discutida por Galzenari, bem como, da ecologia dos saberes defendida por Santos, e, ao mesmo tempo, defendemos um ensino de história pautado na valorização da memória e da história local, considerando a riqueza de saberes que os agricultores possuem. Eles conhecem as técnicas de manejo da terra, plantio e colheita, sabem o melhor tempo para preparar a terra, para realizar o plantio de cada semente e o tempo correto de cada colheita. Esses são alguns exemplos dos conhecimentos aprendidos/ensinados, por meio da oralidade, ao longo das gerações.

Logo, os consideramos como uma forte possibilidade educativa, sobretudo nos anos iniciais. Em seguida, traremos exemplos de alguns saberes ensinados/aprendidos pelos agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB. O exemplo seguinte trata-se das lembranças narradas por Seu Toinho, agricultor e líder comunitário do Sítio Lajedo, Zona Rural de Alagoa Nova–PB.

“Muitas coisas, minhas tias me ensinaram e o meu pai também me ensinava. A questão do período de plantar, lua cheia, lua nova, né? A questão, assim, de ver se vai chover... As formigas, como elas se comportam, né? Minha tia me ensinou que tem um tipo de formiga que na boca do formigueiro tem como se fosse um funilzinho, sabe? Então, quando ele tá bem alto, é porque vai chover bastante, pra que a água não entre no formigueiro delas, né? Muitas coisas que a gente vai aprendendo com eles. Isso eu carrego comigo desde a infância, que as minhas tias e o meu pai me mostraram, sabe?” (Informação verbal, 2025).

Através desse exemplo, podemos enxergar vários saberes ensinados a seu Toinho, oralmente, pelos seus antepassados. Com base no relato anterior, destacamos o exemplo da “boca do formigueiro” com o topo alto. É comum encontrarmos formigueiros assim, e quando os encontramos, realmente, percebemos que a chuva chega em breve. Os saberes populares nos ensinam muito, portanto, devem ser considerados como possibilidades educativas. Nesse sentido, julgamos necessário estabelecer uma relação entre os saberes empíricos desses agricultores e os saberes científicos.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

IMAGEM 2 – FORMIGUEIRO COM TOPO ELEVADO



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Assim, em uma aula sobre esse assunto seria interessante o professor estabelecer uma conexão entre os saberes empíricos dos agricultores e os saberes científicos, mostrando as duas versões sobre os formigueiros construídos dessa maneira. Enquanto professores, devemos possibilitar que os saberes locais continuem perpassando gerações, não podemos permitir que eles continuem sendo “esquecidos” e perdidos com o passar do tempo.

Agora, traremos um exemplo de outro saber aprendido/ensinado oralmente pelos agricultores, ao longo das gerações, trata-se dos ensinamentos de “Seu Zé Pequeno”, agricultor que reside no Sítio São Tomé II, ele é uma referência quando se fala em sementes da paixão, inclusive, já viajou para vários estados e países para divulgar o seu trabalho.

A semente que não está adequada para se guardar, ela vai se estragar. Se ela tiver úmida, você tem que dar uns três dias de sol na semente depois de batida, pra ela secar direitinho. Bota pra dentro de casa, na parte da tarde, no outro dia é que armazena, que ela não pode ir quente pra dentro do vasilhame, porque ela vai suar e vai se estragar. Portanto, o segredo todo está em saber armazenar. Pra começar, a gente começa lá do roçado pra chegar em casa. Você quer guardar uma semente boa pra plantar? Você tem que selecionar... No caso do milho, a espiga melhor, a espiga que tá mais sadia, você tira a ponta, tira o pé da espiga, aí fica aquele meio, mesmo assim, ainda tem o jogo de peneira aí... Passa na peneira, alguma coisinha que tiver aí dentro, vai sair. Porque uma semente para o plantio, ela tem que ter carinho, né? Planta o que é bom, que você colhe o que é bom. Planta o que é ruim, que você não vai colher coisa boa (Informação verbal, 2025).



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

IMAGEM 3 – SEMENTES ARMAZENDAS



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Embora, em muitos casos, os agricultores que preservam as sementes da paixão não tiveram acesso à educação formal, aprenderam as práticas de cultivo e armazenamento das sementes com seus ancestrais, através da oralidade. No exemplo anterior, Seu Zé Pequeno nos relatou que aprendeu tudo isso com os seus pais, e eles já tinham aprendido com os seus antepassados, e agora ele ensina aos seus descendentes, e assim, esses ensinamentos vão atravessando gerações.

Nesse contexto, podemos considerar as palavras de Freire (1987, p.44), quando diz que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, ou seja, é através das relações sociais que aprendemos e construímos conhecimento. Logo, esses saberes apresentam um forte potencial educativo que devem ser considerados pelos professores e inseridos em sala de aula, buscando uma aprendizagem significativa para os estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, discutiremos os resultados parciais do presente artigo, considerando que trata-se de uma amostra de uma pesquisa ainda em desenvolvimento. Portanto, algumas etapas



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

planejadas serão desenvolvidas posteriormente. Ainda assim, observamos que os agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB, apresentam um forte protagonismo histórico e social nas comunidades onde estão inseridos e, ao mesmo tempo, suas experiências e vivências comunitárias possibilitam um grande potencial educativo em turmas dos anos iniciais, já que favorecem um trabalho interdisciplinar com foco na história local.

Percebemos que o trabalho com ênfase na memória e na história local agrega valor na formação social dos estudantes, em suas dimensões socioculturais e históricas, favorecendo a construção da identidade cultural dos mesmos. Assim, possibilitamos que os estudantes se tornem produtores, e não somente receptores de conhecimentos. Pois, quando trabalhamos com a história local, compreendemos melhor a nossa própria história.

Logo, um trabalho permeado na valorização da memória e da história local, contribui com uma educação decolonial, já que é possível dar voz aos sujeitos invisibilizados pela sociedade, possibilitando a construção de uma nova história sobre as comunidades deixadas às margens das discussões em sala de aula. Assim, favorecemos uma aprendizagem que valoriza a história dos estudantes e de suas comunidades, perpetuando os saberes locais ao longo das gerações e aproximando os conteúdos da vida dos estudantes, facilitando o entendimento de que sua realidade e de sua comunidade “não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais; que estas identidades são diversas, mas todas merecem respeito” (Barros, 2013, p. 303).

Portanto, consideramos que essa é uma abordagem relevante que possibilita enaltecer a memória, a história oral e os saberes locais, favorecendo o reconhecimento dos agricultores que preservam as sementes da paixão, e, ao mesmo tempo, contribuindo com a preservação da história e da cultura local ao longo das gerações, bem como promovendo o respeito aos conhecimentos locais de cada comunidade. Ademais, percebemos que um trabalho voltado para a história local agrega valor na formação social dos estudantes. Contudo, ressaltamos que, como se trata de uma pesquisa em desenvolvimento, esses são os resultados e discussões preliminares.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo nos possibilitou trazer uma reflexão importante acerca da memória e da história dos agricultores que preservam as sementes da paixão em comunidades rurais de Alagoa Nova–PB. Por meio deste, buscamos mostrar a necessidade e importância de um trabalho pautado na história local, favorecendo a preservação dos saberes presentes nessas comunidades.

Neste sentido, consideramos que esse estudo é importante do ponto de vista educacional, histórico e social, considerando que buscamos assegurar a formação básica comum e o respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao ressaltar que os currículos da Educação Básica devem contemplar uma parte diversificada, de acordo com características regionais e locais da sociedade, destacando a importância de trabalhar com a história local.

REFERÊNCIAS

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local.

REVHIST - Revista de História da UEG, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 301–321, 2013. Disponível em: [//www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451](http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451). Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CARTILHA SEMENTES DA AGROECOLOGIA: SEMENTES DA VIDA. 2020.

Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/acervo/publicacoes/cartilhas/53/cartilha-sementes-da-agroecologia-sementes-da-vida/23460> Acesso em: 20 jun. 2025.

CASTRO, F. P.; PRADO, R. Nota técnica I Sementes Tradicionais. **ONG FASE**. Mato Grosso, 2021. Disponível em: https://issuu.com/ongfase/docs/af_fase_nota_tecnica-01_1 Acesso em: 17 jun. 2025.

ESTEVE, Esther Vivas. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. Disponível em: <https://mst.org.br/download/o-negocio-da-comida-quem-controla-nossa-alimentacao/> Acesso em: 02 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

GALZENARI, Maria Carolina Bovério. **Imagens que lampejam:** ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades. - Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2021. Disponível em: <https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/book/10> Acesso em: 17 Jul. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Laís Stefany de Carvalho Falca. **Sementes crioulas:** qualidade e armazenamento. São Carlos: UFSCar/CPOI, 2020. 13p. (Coleção Agroecologia em foco). Disponível em: <https://www.pgadr.ufscar.br> Acesso em: 17 mar. 2025.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local:** contribuições para pensar, fazer e ensinar - João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. - São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PAULINO, J. S; GOMES, R. A. Sementes da Paixão: agroecologia e resgate da tradição. **RESR**, Piracicaba-SP, Vol. 53, No 03, p. 517-528, Jul/Set 2015 – Impressa em Novembro de 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005303008>. Acesso em: 16. jun. 2025.

PONTES, Bárbara Maria Muniz, LAPSKY, Igor. Educação patrimonial e ensino de história: registrando saberes e práticas na educação básica. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, v.13, n.26, p. 100-119, 2024. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/20428> Acesso em: 16 jun. 2025.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Álef Mendes dos. **Ensino de história do local a partir das experiências vividas pelos cesteiros na cidade de Araçagi - PB (2020-2023).** 2024. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33165> Acesso em: 30 jun. 2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo, SP: Cortez, Autores Associados, 1986.